

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NECROLOGIA. ABEL VIANA (1896-1964).

FERREIRA, O. da Veiga

Ano: 1964 | Número: 74

Como citar este documento:

FERREIRA, O. da Veiga, Necrologia. Abel Viana (1896-1964). *Revista de Guimarães*, 74 (1-2) Jan.-Jun. 1964, p. 172-176.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Necrologia

ABEL VIANA

(1896 † 1964)



ABEL VIANA

O arqueólogo Abel Viana, de seu nome completo Abel Gonçalves Martins Viara, nasceu em 16 de Fevereiro de 1896 na cidade de Viana do Castelo. Apenas com 14 anos de idade emigrou para o Brasil onde, durante três anos, se dedicou ao comércio na cidade do Rio de Janeiro.

Regressado à sua terra natal, matriculou-se no curso do Magistério Primário, que concluiu em 1917. Tirou também o curso de Oficial náutico, que nunca chegou a utilizar.

Na sua estadia no Brasil, tomou gosto pelas ciências naturais, a ponto de, quando chegou ao Minho, estudar e contribuir para a descoberta do combate à lagarta do milho, estudo que o Padre Luisier desenvolveu mais tarde. Abel Viana colaborou assim na solução de um problema que apoquentava as populações rurais minhotas, visto que o milho é a base da alimentação dessa gente laboriosa.

No ano de 1938 transitou para Faro, já depois de no Minho ter desenvolvido notável actividade na arqueologia e na etnografia. Devem-se-lhe importantes trabalhos sobre o «Asturiense» e os primeiros estudos sobre os terraços do Minho, que mais tarde mereceriam o

louvor do Abade Henri Breuil e de G. Zbyszewski, ao estudarem as indústrias dos terraços marinhos e fluviais do Quaternário.

Em Faro foi ocupar o lugar de Director do Distrito Escolar. Mais tarde transitou, com a mesma função, para o Distrito de Setúbal, até que, um ano depois, se estabeleceu definitivamente em Beja, onde se manteve até à sua inesperada morte.

No Algarve começou Abel Viana, de colaboração com Lyster Franco e José Formosinho, a desbravar a arqueologia eneolítica, em especial, na região de Monchique.

Foi em 1944 que travei conhecimento com ele, já nessa altura residindo em Beja. Começaram então os nossos 20 anos de trabalhos, de cansaças, descobertas, e de uma grande colaboração e amizade. Evoco, neste momento em que infelizmente já o não posso ter por companheiro, todas essas campanhas de Monchique, Alcalar, Faro, Ourique, Aljustrel, Senhora da Cola, etc., vinte anos de produtivo e fecundo labor, onde o seu conselho e a sua grande experiência de trabalhos de campo tanto contribuíram para as descobertas e estudos realizados.

Em Viana do Castelo, Abel Viana ocupou-se da missão de catalogar os espécimes do Museu Regional e em Beja chegou mesmo a dirigir o Museu Regional. Foi também Delegado concelhio da 1.ª e 2.ª Subsecções da 6.ª Secção da Junta Nacional de Educação, Secretário do Centro de Estudos do Baixo Alentejo e Director-redactor do «Arquivo de Beja», Vogal da Comissão de Arte e Arqueologia de Beja, e o bolsheiro mais antigo do Instituto de Alta Cultura. Últimamente, para a realização dos estudos da sua tão querida estação arqueológica da Senhora da Cola, foi bolsheiro da Fundação Calouste Gulbenkian.

Em 1934 foi agraciado com o grau de Oficial da Ordem de Instrução Pública, condecoração a todos os títulos merecida.

Foi colaborador de numerosas revistas, jornais e outras publicações nacionais e estrangeiras. Era muito considerado no país vizinho, a grandiosa Espanha, e foi sócio das seguintes colectividades: Academia Nacional de Belas Artes, Associação dos Arqueólogos Por-

tugueses, Instituto de Coimbra, Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, Real Academia de Ciências y Nobles Artes de San Carlos, Sociedad Malagueña de Ciências, Sociedad española de Antropología, Etnografía y Prehistoria, Deustches Archaeologisches Institut, Institut International d'Anthropologie, Societé Préhistorique de France, Societé Préhistorique d'Ariège.

Tomou parte em diversos congressos, entre os quais os seguintes: em todos os Congressos Luso-espanhois para o Progresso das Ciências, a partir de 1940; nos Congressos Arqueológicos del Sudeste español: Elche, 1948, Almeria, 1949, Alcoy, 1950, Madrid-Saragoça 1951; no Congreso Nacional Español de Arqueologia: Galiza, 1953, Burgos, 1955, Saragoça, 1957, Oviedo, 1959; no Congresso Internacional de Ciências Pré- e Protohistóricas em Madrid, 1954; no I Congresso Nacional de Arqueologia, Lisboa, 1958; etc.

Colaborou com alguns dos homens devotados às ciências arqueológicas e geológicas, quer nacionais, quer estrangeiros, como o Abade Henri Breuil, Georges Zbyszewski, Vera Leisner, P.^e Jean Roche, Afonso do Paço, P.^e E. Jalhay, Bairrão Oleiro, Dias de Deus, José Formosinho, Lyster Franco, Albuquerque e Castro, R. Freire de Andrade, Nunes Ribeiro, D. Fernando de Almeida, e outros.

A Etnografia portuguesa muito lhe fica a dever, ao seu saber e actividade desenvolvida especialmente no Minho, Baixo Alentejo e Algarve.

Abel Viana era um homem simples, sincero, e um trabalhador de incomparável energia. Trabalhava, como tantas vezes observei no campo, horas seguidas, e, pelo seu exemplo, fazia trabalhar todos os que se abeiravam dele. Era um enciclopédico. Nada escapava à sua observação pertinaz e sagaz. Muitas vezes nos trabalhos do campo me chamava para observar pormenores que passariam despercebidos à maioria das pessoas. Tinha um feitio um tanto impulsivo, mas um coração de oiro. Perto dele ninguém poderia ter dificuldades, pois tudo remediava, a tudo acudia. Até ultimamente, na estação da Senhora da Cola, a sua obra de arqueologia andou sempre ligada à obra de benemerência para aquela pobre gente do lugar. Dois dias antes de mor-

rer ainda me dizia, em carta, do contentamento que tivera ao saber que o Governo decidira fazer a estrada da Aldeia dos Palheiros para a Senhora da Cola.

A lista dos estudos publicados por Abel Viana ultrapassa as três centenas. Nesta breve e singela evocação da sua Obra e dos seus méritos não nos é possível dá-la por completo. Será trabalho para mais tarde. Todavia mencionaremos aqui alguns dos seus trabalhos de maior vulto:

O Asturiense em Portugal — Estações no litoral ao N. de Viana do Castelo, Viana do Castelo, 1928.

Estações paleolíticas do Alto Minho, Porto, 1930.

Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Alto Minho, Viana do Castelo, 1930.

Arqueologia pré-histórica do Concelho de Monchique. Lisboa, 1932.

O problema do asturiense português, Lisboa, 1940.

Museu Regional de Beja. Secção lapidar, Beja, 1944-1946.

Origem e evolução histórica de Beja, Beja, 1944.

Paleolítico do Baixo Alentejo. Vale do Guadiana, Lisboa, 1945. (Em colaboração com G. Zbyszewski).

Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo, Beja, 1946-1960.

Contribuição para o estudo do quaternário do Algarve, Lisboa, 1949. (Colaboração com G. Zbyszewski).

Necrópolis de las Caldas de Monchique, Madrid, 1950. (Colaboração com V. Ferreira e J. Formosinho).

Necrópolis céltico-romanas del Concejo de Elvas. Madrid, 1950. (Colaboração com Dias de Deus).

Azulejos quatrocentistas e quincentistas do Museu Regional de Beja, Beja, 1950.

Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique, Porto, 1953.

Para o cancionero popular do Algarve, Lisboa, 1956.

Contribuição para o conhecimento da cultura megalítica do Baixo Alentejo, Lisboa, 1959.

Noções de Arqueologia Prática, Beja, 1962.

Além destes estudos de maior extensão e de interesse mais específico, pode ainda citar-se o muito que publicou de colaboração com V. Ferreira, F. de Andrade e Albuquerque e Castro, na *Revista de Guimarães*, nas *Comunicações dos Serviços Geológicos* e nas *Actas e Memórias dos Congressos Luso-espanhóis para o Progresso das Ciências*.

A morte de Abel Viana deixa uma lacuna que não será fácil de preencher na Arqueologia nacional, em especial nos estudos do Baixo Alentejo, onde a sua actividade, nos últimos vinte anos, foi deveras notável.

Abel Viana faz falta à nossa Arqueologia e consequentemente ao país. Por mim, perdi infelizmente um grande amigo, um conselheiro, um mestre! Oxalá as gerações vindouras tomem como exemplo este trabalhador, este lutador incansável pela Arqueologia e Etnografia pátrias.

O. DA VEIGA FERREIRA